

Reservas do país caem em junho

Raimundo Paccó 3.8.98

Governo espera melhora no segundo semestre principalmente por causa de superávit na balança comercial

Da Agência Estado

A decisão do governo de pagar 30% da primeira parcela do empréstimo de emergência que o Banco para Compensações Internacionais (BIS) e o Banco do Japão concederam ao Brasil, no final do ano passado, provocou uma queda das reservas internacionais em junho. Também houve piora, no mês passado, no déficit em transações correntes (operações de comércio e serviço do país com o exterior).

Enquanto as reservas caíram de US\$ 43,4 bilhões para US\$ 40,4 bilhões, o déficit em transações correntes chegou a US\$ 2,94 bilhões, ante os US\$ 1,63 bilhão em maio. No semestre, este rombo ficou em US\$ 12,3 bilhões, ou 4,45% do Produto Interno Bruto (PIB) do período.

O ingresso de investimentos diretos nos primeiros seis meses do ano, entretanto, atingiu US\$ 13 bilhões, suficientes para financiar o déficit em transações correntes do período. O chefe do Departamento Econômico do Banco Central (Depec), Altamir Lopes, acredita que eles chegarão a US\$ 20 bilhões. Mas há quem aposte em até US\$ 23 bilhões. Este total, segundo fontes do BC, será mais que suficiente para cobrir perdas em transações correntes, projetadas em US\$ 21 bilhões.

A piora do déficit em junho foi provocada pelo resultado da balança comercial e pelo aumento do pagamento de juros ao exterior. Ao contrário do que ocorreu em maio, quando ficou positiva em US\$ 312 milhões, a balança fechou junho com menos US\$ 144 milhões.

Na conta de juros, o aumento foi de US\$ 804 milhões, uma vez que foram pagos US\$ 1,9 bilhão, ante US\$ 1,1 bilhão do mês anterior. A perda foi reduzida, no entanto, porque o BC comprou US\$ 250 milhões no mercado e recebeu outros US\$ 89 milhões em juros de rendimentos das reservas internacionais.

MELHORA

As perspectivas do governo para o segundo semestre, porém, são positivas. "É claro que o déficit em transações correntes vai apresentar melhora", aposta Lopes. Segundo suas projeções, além da recuperação da balança comercial, que seria superavitária, o resultado da conta de serviços também deverá ser positiva. Isso por causa da redução prevista nos gastos dos brasileiros com viagens internacionais, o que poderá contrabalançar as despesas com juros.

No resultado acumulado em 12 meses, o déficit em transações correntes chegou a US\$

32,4 bilhões, correspondente a 4,85% do PIB do período. Em reais, houve uma queda deste déficit que, nos 12 meses até maio, estava em US\$ 32 bilhões. Proporcionalmente ao PIB, no entanto, correspondia a 4,65%. O aumento em relação ao Produto Interno Bruto ocorre por causa da desvalorização que resultou e sua queda, calculado em dólar.

Quando comparado com os primeiros seis meses de 1998,

período em que o déficit em transações correntes foi de US\$ 13,4 bilhões, houve uma melhora de US\$ 1,1 bilhão no resultado negativo acumulado este ano.

Os primeiros números divulgados pelo chefe do Depec para este mês indicam que, até o dia 14, os investimentos diretos chegaram a US\$ 704 milhões. No primeiro semestre, a média mensal foi de US\$ 1,5 bilhão, ante os US\$ 1,2 bilhão de média nos primeiros seis meses do

ano passado. Isso sem considerar os recursos destinados à privatização.

Lopes destacou que, fazendo uma projeção conservadora e considerando que, até o final do ano, a média mensal será também de US\$ 1,2 bilhão, já se chega aos US\$ 20 bilhões que ele projeta. Também por causa da desvalorização, as empresas nacionais ficaram mais baratas para os estrangeiros, o que estimula estes investimentos.

Segundo o chefe do Depec, está previsto o ingresso de US\$ 2 bilhões destinados à privatização.

Nas bolsas de valores, os investimentos externos até o dia 14 passado foram positivos em US\$ 107 milhões. Nos fundos de investimentos, entretanto, o saldo de aplicações ficou negativo em US\$ 22 milhões. No mês de junho, estes resultados foram, respectivamente, de US\$ 237 milhões e US\$ 754 milhões.



Lopes: perspectiva de recuperação das reservas internacionais também por conta da redução dos gastos de brasileiros no exterior